

A SOCIOLOGIA DA RELIGIAO DE MAX WEBER: UM ESTUDO SOBRE O DESENCATAMENTO DO MUNDO, AS SEITAS PROTESTANTES E O PAPEL DA ARTICULAÇÃO ENTRE FILIAÇÃO RELIGIOSA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

FELIPE CARVALHO SOUZA SANTOS

Resumo

Em busca de entender mais afundo a Sociologia da Religião de Max Weber e o que está de implícito em um dos seus textos “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”, o entendimento dessa questão passa além de olhar o processo “religioso” como mero reflexo da situação de interesse material e ideal. Ou se não nos atentarmos, cair no reducionismo de fazer uma relação causal entre reforma protestante e a formação do capitalismo moderno. O que se pretende neste artigo é entender o processo de racionalização das sociedades ocidentais moderna a luz das transformações do processo religioso: o desencantamento do mundo, o papel das “seitas” protestantes e sua “afinidade eletiva” com o *ethos* capitalista e o papel que a articulação entre filiação religiosa e estratificação social tem em legitimar certa conduta de vida.

Introdução

O trabalho do sociológico Max Weber, celebre autor e um dos pais da sociologia, têm a pretensão de compreender a singularidade da civilização ocidental moderna, não sendo diferente quando se tratando sobre seus *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*. Nele o autor aborda como o processo religioso se relacionam com a singularidade da modernidade, bem como busca estabelecer um núcleo temático entre processos distintos: o processo de racionalização ocidental e o desencantamento do mundo vivido dentro do processo histórico religioso

Este núcleo temático divide-se em sua obra nos textos “A Ética Protestante e o ‘Espírito do Capitalismo’” na qual o autor relaciona o desenvolvimento da sociedade capitalista industrial com um modo específico de lidar com a vida cotidiana, que consiste em um estilo de vida ascético, mecânico; uma filosofia de homens honestos, do naipe de figuras históricas como Benjamin Franklin ou Martinho Lutero. O tema, ética econômica que se entende como “impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões” (WEBER, 1989) também pode ser encontrado nos textos “A Psicologia Social das Religiões Mundiais” e “As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo”. Nestes textos fica evidente a tentativa do autor de relacionar o processo religioso como imprescindível para a perpetuação de grandes linhas de relações sociais.

A estrutura desse artigo é a priori, buscar o que tem de implícito na ética econômica protestante. A partir disto entender os principais conceitos da teoria da religião de Max Weber: o desencantamento do mundo e sua influência no processo religioso, a filiação religiosa e o processo de estratificação social.

Desencanto do mundo

Antes de entrar propriamente na Ética Protestante e suas implicações na vida cotidiana é importante que se destaque o conceito de desencantamento do mundo, que permeia o pensamento de Max Weber implícita ou explicitamente em seus textos. Por esse conceito entende-se literalmente “tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma quebrar o encanto” (PIERUCCI, 2003, p.7)

Ou seja, essa “perda de sentido” desemboca em duas questões que afligiram a civilização ocidental moderna, por um lado, o próprio culto religioso passa por um processo de “desmistificação” na qual os acontecimentos do mundo externo não mais possuem sentido mágicos, limitado a contemplanções efêmeras, mas possuem “metas fixas de salvação” – exemplificado em última consequência no puritanismo. Por outro lado, o desenvolvimento científico que dá o poder ao homem de através do conhecimento racional científico desvelar o mundo e transforma-lo num mecanismo causal. Pierucci explica esse ponto:

“Primeiro a religião (monoteísta ocidental) desalojou a magia e nos entregou um mundo natural “desdivinizado”, ou seja, devidamente fechado em sua “naturalidade”, dando-lhe, no lugar do encanto mágico que foi exorcizado, um sentido metafísico unificado, total, maiúsculo; mas depois, nos tempos modernos, chega a ciência empírico-matemática e por sua vez desaloja essa metafísica religiosa, entregando-nos um mundo ainda mais “naturalizado”, um universo reduzido a “mecanismo causal”, totalmente analisável e explicável, incapaz de sentido objetivo, menos ainda se for uno e total, e capaz apenas de se oferecer aos nossos microscópios e aos nossos cálculos matemáticos em nexos causais inteiramente objetivos mas desconexos entre si, avessos à totalização, um mundo desdivinizado que apenas eventualmente é capaz de suportar nossa inestancável necessidade de nele encontrar nexos de sentido, nem que sejam apenas subjetivos e provisórios, de alcance breve e curto prazo. “ (PIERUCCI, 2003).

Como consequência, o mistério que cobria a realidade é retirado e o saber científico avança sem confiar em qualquer valor misterioso e sobrenatural, as interpretações religiosas incorporam o intelectualismo buscando respostas coerentes diante do desencantamento do mundo.

“A ciência encontra, então, as pretensões do postulado ético de que o mundo é um cosmo ordenado por Deus, e, portanto, significativo e eticamente orientado. [...] todo aumento do racionalismo na ciência empírica leva a religião, cada vez mais, do reino racional para o irracional; ” (WEBER, 1989)

Houve uma transferência do estado de “graça” contemplativa, onde não mais se obriga a Deus a fazer a vontade humana, para uma posição agora é de reverência a um Deus ético com suas exigências e seus imperativos éticos. A culpa pela infortuna no mundo terreno não era mais de um Deus, mas recaía a uma má conduta de vida dos homens. O ascetismo religioso que marcou essa ruptura durante a Reforma Protestante, sendo usado como base das doutrinas religiosas puritana, interpretava que “a graça e o estado religioso do homem religiosamente qualificado submetem-se a prova diária” (WEBER, 1989)

Esse processo foi conhecido como “esticização” da conduta religioso. O protestantismo ascético, em suas últimas consequências, foi a doutrina religiosa que conseguiu aliar uma rejeição religiosa do mundo com uma ascese intramundana regida por uma ética amparada no “dever ser”, obedecendo aos desígnios de Deus através de seus mandamentos. Isso se traduz em uma vida racional e santificada ao mesmo tempo. A religião racionalizada traz à tona uma internalização que antes não ocorria. Essa atitude internalizada gera no fiel um comportamento moral intramundano diferenciado. Já que, com uma religião racionalizada, é importante ter no mundo uma atitude condizente com as práticas religiosas.

“os elementos irracionais na racionalização da realidade foram os loci para os quais a irrepressível busca da posse de valores sobrenaturais pelo intelectualismo foi forçada a se retirar. Isso ocorreu principalmente na medida em que mais destituído de irracionalidade o mundo parece ser. A unidade da imagem primitiva do mundo, em que tudo era mágica concreta, tendeu a dividir-se em conhecimento racional e domínio da natureza, de um lado, e em experiências “místicas” do outro. O conteúdo inexprimível dessas experiências continua sendo o único “além” possível, acrescido ao mecanismo de um mundo sem deuses. De fato, o além continua sendo um reino incorpóreo e metafísico, no qual os indivíduos possuem intimamente o sagrado. Quando se chegou a essa conclusão sem nenhum resíduo, o indivíduo pode continuar sua busca da salvação apenas como indivíduo.” (WEBER, 1989)

As éticas de redenção, em especial a crença na predestinação, realizam essa renúncia ao individual. A reconhecida incapacidade do homem em avaliar os caminhos de Deus significa que ele compreende racionalmente a inacessibilidade do homem a qualquer significado no mundo. Esta renúncia encerrou todos os problemas desse tipo. Isso ocorreu porque a fé na predestinação – em contraste com a fé no poder irracional do “destino” –

exige a suposição de uma destinação almejável, e, portanto, um caminho ao condenado e, com isso, a aplicação de uma categoria ética.

Filiação religiosa e estratificação social

De certa forma para Max Weber os processos religiosos possuem uma certa autonomia. As diversas teodiceias na história humanidade e suas respectivas éticas religiosas possuem uma lógica própria, ligada aos interesses materiais e ideais, e seu papel nos eventos e processos históricos devem ser analisados em conflito com o desenvolvimento histórico e sua inevitável tendência a dominação de classes. Pois até que ponto (por exemplo a doutrina indiana do carma, a fé calvinista na predestinação, a justificação luterana através da fé, etc.) essas doutrinas com seu pragmatismo religioso racional da salvação, fluindo das imagens de deus, tiveram influência sob certo modo de vida prático na sociedade capitalista?

Limitando-se a apenas as doutrinas da predestinação, Weber pressupõe que “a natureza dos desejados valores sagrados foi fortemente influenciada pela natureza da situação de interesse externa e o correspondente modo de vida das camadas dominantes e, assim, pela própria estratificação social” (WEBER, 1989) sendo esses valores e posições sociais foram em partes determinados religiosamente, na medida em que uma racionalização ética predominou, pelo menos no que se relaciona com a influência exercida.

Os princípios religiosos prometidos pela religião, ao longo da história da humanidade, não foram necessariamente os mais universais. O acesso ao “além” não podiam ser alcançados por todos. Weber progride nesse ponto apontando que

“O fato empírico, importante para nós, de que os homens têm qualificações diferentes, de forma religiosa, evidencia-se desde o início da história da religião. Esse fato foi dogmatizado na mais aguda forma racionalista, no “particularismo da graça”, materializado na doutrina da predestinação pelos calvinistas. Os valores sagrados mais estimados [...] não podiam ser alcançados por todos. A posse dessas faculdades é um “carisma”, que, na verdade, poderia ser despertado em algumas pessoas, mas não em todas. Segue-se disso que toda a religiosidade intensiva tem uma tendência para uma espécie de estratificação de estamentos, de acordo com diferenças nas qualificações carismáticas. [...] isto é, sociologicamente falando, associações que aceitam apenas pessoas qualificadas religiosamente em seu meio; ” (WEBER, 1989)

Dentro dessas instituições, seitas e congregações a organização que antes funcionavam a base da autoridade hierocrática, após a reforma protestante se ajustaram as exigências das preferências ideais e materiais das massas através da racionalização da vida cotidiana. A religião do “virtuoso” foi a religião autenticamente “exemplar” e prática. Na qual duas condições eram necessárias para isso pudesse acontecer. A priori, o valor supremo e sagrado não deve ser de natureza contemplativa. Sendo assim, essa religião deve, na medida do possível, desagregar-se de formas puramente mágicas ou sacramentais para alcançar a graça, que sempre desvaloriza a ação neste mundo. Quando essas condições foram combinadas surge a seita ascética ativa.

“Quando os virtuosos religiosos combinaram-se numa seita ascética ativa, dois objetivos foram totalmente alcançados: o desencantamento do mundo e o bloqueio do caminho da salvação através da fuga do mundo. O caminho da salvação é desviado da “fuga

contemplativa do mundo”, dirigindo-se ao invés disso para um “trabalho neste mundo”, ativo e ascético. [...] O virtuoso religioso pode ser colocado neste mundo como o instrumento de um Deus e isolado e todos os meios mágicos de salvação. Ao mesmo tempo, ‘imperativo ao virtuoso que ele se “prove” acima de Deus, como tendo sido chamado exclusivamente pela qualidade ética de sua conduta neste mundo. Isso realmente significa que ele tem de “provar-se” a si mesmo também. ’ (WEBER, 1989)

O ascetismo como crença superou a crença tradicionalista cristã, mais precisamente o ascetismo não fugia do mundo como ocorreu com a contemplação. Ao invés disso ele almejou racionalizar o mundo eticamente de acordo com os mandamentos de Deus.

Considerando que a religião não é separada dos processos históricos de que forma as éticas religiosas de conduta de vida, em especial a protestante, se relacionam com o racionalismo econômico? Weber aponta que:

“As características das religiões que tem importância para a ética econômica nos interessam principalmente de um ponto de vista preciso: a forma pela qual se relacionam com o racionalismo econômico. Queremos dizer, mais precisamente, o racionalismo econômico do tipo que, desde os séculos XVI e XVII, dominou o Ocidente como parte da racionalização particular da vida civil, e que se tornou familiar nesta parte do mundo. ” (WEBER, 1989)

Sobre racionalismo entende-se “um domínio cada vez mais teórico da realidade por meio de conceitos cada vez mais precisos e abstratos [...] Em geral, todos os tipos de ética prática que são sistemática e claramente orientados para metas fixas de salvação são “racionais” ” (WEBER, 1989)

A partir desse conceito que Weber aborda as características que foram decisivas historicamente para o condicionamento do modo de vida prático. Ao longo da História, as associações e comunidades religiosas estão ligados a uma base hierárquica, ou seja, seu poder de governar é apoiado pelo monopólio na concessão ou recusa de valores sagrados. Essas congregações são constituídas a base da *legitimidade*.

“ [Nessas] “associações” modernas, acima de tudo, as políticas, são do tipo de autoridade “legal”. Ou seja, a legitimidade do detentor do poder de dar ordens baseia-se em regras estabelecidas racionalmente por decretação, acordo ou imposição. A legitimação desses resultados baseia-se, por sua vez, numa “constituição” racionalmente decretada ou interpretada” (WEBER, 1989)

Essa instituição construída a base de legitimidade, possui também a figura da “autoridade” responsável pelo estabelecimento da congregação.

“A autoridade é o detentor do poder de mandar; mais o exerce por direito próprio; conserva-o como um depositário da “instituição compulsória” e impessoal. Essa instituição é constituída de padrões específicos de vida de uma pluralidade de homens, definidos ou indefinidos, e, não obstante, especificados segundo regras. Seu padrão de vida conjunto é governado normativamente pelos regulamentos estatutários. ” (WEBER, 1989)

Quando essa estrutura é levada ao âmbito religioso surge a figura da “Autoridade carismática” na qual refere-se “a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido a sua crença na qualidade

extraordinária de pessoa específica,' na qual a relação entre 'pregador virtuoso' e 'devoto' se baseia na crença e na devoção ao extraordinário, essa legitimação se dá também, muito porque ultrapassa as qualidades humanas "normais".

A autoridade carismática transforma-se na autoridade tradicionalista a medida em que as atitudes pregadas em relação ao dia habitual de trabalho e a crença eticiza a rotina diária como norma inviolável de conduta.

Isso se dá por conta "do que" a sociedade considera como legítimo e incorpora como regra dentro da rede social, política e econômico. Weber cita uma herança imprescindível para a consolidação da norma no seio social, a figura do patriarcalismo para ele "é, de longe, o tipo mais importante de domínio da legitimidade, baseado na tradição." Sendo a figura do senhor, do patriarca, um elemento importante para a consolidação de sistema de normas que sejam invioláveis tornem-se sagradas.

"com a morte do profeta [...] surge a questão da sucessão. [...] sendo o sucessor designado pela consagração, como ocorre na sucessão hierocrática ou apostólica; a crença na qualificação carismática do líder do clã carismático pode levar a crença no carisma hereditário e pela hierocracia hereditária. Com essa rotinização, as regras passam dominar, de alguma forma. O hierocrata já não governa em virtude de qualidades exclusivamente pessoais, mas em virtude de qualidades adquiridas ou herdadas, ou porque foi legitimado por um ato de eleição carismática. O processo de rotinização e assim de tradicionalização tem início." (WEBER,1989)

Esse é um dos pontos altos da Sociologia da Religião de Max Weber, pois a partir dessa investigação da história do racionalismo religioso, ele traceja a hipótese de que essas desigualdades hierárquicas nos grupos religiosos projetam uma imagem de destino para indivíduos dentro da realidade social. Pois, pontuando Lucas Cid Gigante:

"por intermédio da visão do destino dos indivíduos no mundo social [...] [a] conduta de vida como dimensão articulada as imagens de mundo que os sujeitos constroem para orientarem sua ação de forma significativa [...] condicionam a construção de sentido para as ações de forma a assentar grupos e classes no tipo de vida que sustentam e que representam como aquelas que devem seguir." (GIGANTE, 2013)

Há portanto, no pensamento weberiano, um processo de imbricação entre espiritualidade e materialidade e "por mais incisivas que as influências sócias, determinadas econômica e politicamente, possam ter sido sobre uma ética religiosa" (WEBER,1989) a espiritualidade recebe sua marca principal do conteúdo de anúncio e promessa que as fontes religiosas lhe dispõe. Tais fontes operam não apenas por formas de conduta de vida que protegem posições mundanas, como também pelo intermédio das formas de estabelecimento dos sentimentos de *status* social.

"O interesse especificamente religioso nos direciona ao que é específico nesta atividade humana: qual a necessidade de redenção é prometida e qual é o seu custo em termos das disposições íntimas e de ação que são cobradas para tanto" (GIGANTE, 2013)

É a partir dessa sistematização que Weber apresenta a Reforma Protestante e sua afinidade eletiva com o ethos capitalista, fruto de um moínho histórico de produção do sentimento de merecimento da fortuna junto a uma ética individualizada de conduta de vida que passe pelo processo de racionalização e desencantamento do mundo. As ações derivadas dessa ética, o dogma religioso adaptado as necessidades materiais e ideias, “são interpretadas como aquelas associadas ao enriquecimento, ao sucesso individual e profissional. [...] Enfim as chances de obtenção de sucesso dentre as possibilidades de mercado e a conquista das ordens mundanas da economia e da política. Imagens de mundo que desencadeiam ideias e sentimentos das camadas medias e da burguesia nascente, que se assenta sobre a materialidade de classe aquisitiva. ” (GIGANTE,2013)

A esfera econômica na análise de Weber remete a ética econômica como elemento que legitima, a priori a conduta religiosa, mais que também distribui consentimentos sociais. Estes consentimentos associados a mundanização da conduta, se liga ao indivíduo em detrimento dos seus interesses materiais e ideias. A ética econômica protestante, por exemplo rompe com o círculo fechado da religiosidade e acaba transbordando seus moldes, suas visões de mundo a épocas históricas e se legitimando a partir de grupos e classes que delas se apoderam para se sustentar mediante relações de dominação.

Ou seja, para Weber existem momentos historicamente específicos em que as ideias determinam o curso da dinâmica social, e completa

“Não as ideias, mas os interesses (materiais e ideias) é que dominam diretamente a ação dos homens. O mais das vezes, ‘as imagens de mundo’ criadas pelas ‘ideias’ determinaram, feito manobristas de linha de trem, os trilhos nos quais a ação se vê empurrada pela dinâmica dos interesses” (WEBER,1989)

As ordens sociais necessitam de legitimação seja ela nas esferas religiosas, políticas e econômicas e, essa legitimação distribui consentimento social, que são sustentados à medida que convirjam com os interesses. Gigante aponta que

“isso não seria possível sem a presença de determinadas crenças e sem o movimento das idealizações que os sujeitos operam, referidas ao universo político, social e econômico. A religião é apenas uma destas fontes, talvez não a principal, porém seguramente a que bem se associa por proporcionar confortos à intimidade humana”(GIGANTE, 2013)

O indivíduo legitima o poder que requer tal legitimidade. Nesse caso, trata-se, por um lado, de uma dominação direta, ligadas ao poder e as conquistas – dos vencedores – que sustentam os aparatos políticos e econômicos, tornando-os efetivos porque legítimos e, por outro lado, de uma relação implícita de legitimidade, mais sutil, que sanciona determinadas formas de se conduzir na vida, representadas como “corretas” . Em específico nesse caso, trata-se do consentimento social embutido em linhas tácitas de relações sociais, através da qual a eticização se transforma em sua força legitimante.

Considerações finais

Conclui-se que as ideias religiosas distribuem consentimentos porque amarram grupos e indivíduos a forma como devem viver. Esse é precisamente o ponto de força dessa legitimação, presente no esquema weberiano a partir da importância fundamental da conduta de vida, impulsionada pelas representações inerentes a ação.

A grande trama da civilização é orquestrada pelo poder e sua dominação, dependente de uma crença que efetive sua legitimidade. A transformação da rede social “ocorre quando desaparece nos sujeitos a crença na legitimidade do poder ao qual devem obedecer, o carisma enfraquece, a tradição se apaga, a lei se torna uma forma vazia de conteúdo. ” (BOBBIO, 2000)

Ou seja, a dinâmica social ao qual chegamos advém da crise das crenças legitimastes e a sua transformação nesses níveis não se efetivam, por estarem sem objeto de legitimação. Elas não se efetivam por estarem presas aos conteúdos ideativos que são continuamente reproduzidos na vida cotidiana, pois, afinal também é preciso partilhar certas crenças e agir segundo elas para que as linhas de relações sociais que dão formam as ordens sociais persistam em seu curso.

“Quando as crenças se enraízam na intimidade das pessoas, lhes possibilitando respostas sobre como devem viver a vida, resultam numa visão de mundo inamovível. Este é o cerne da legitimação e o nosso mundo está carregado de legitimação para continuar seguindo seus trilhos. ” (GIGANTE,2013)

Referências bibliográficas

BOBBIO, N. Teoria geral política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BOURDIEU, P. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. In: MICELI, S. (Org.). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.27-78.

GIGANTE, L. A sociologia da religião de Max Weber: santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais. UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Alfenas – MG – Brasil, 2013

PIERUCCI, A. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 34, 2003.

LOWY, M. A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano, Boitempo Editorial, São Paulo, Brasil, 2014

WEBER, M. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.